

UM OUTRO OLHAR SOBRE J.V.: às cegas tudo se vê

Karine Pessoa Oliveira¹

Neste relato, apresento aqui um estudo de caso de um educando com necessidades educacionais especiais inserido numa sala de aula regular do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Teixeira de Freitas. O objetivo deste trabalho, foi mostrar como é possível integrar e alfabetizar um educando com inclusão numa turma regular de ouvintes, visto as adversidades encontradas para realizar tal proposta. Vou chamá-lo de J.V.. O mesmo tem 14 anos e está na escola desde o ano passado. Possui baixa visão e dificuldade para locomoção (distrofia muscular). Sabe-se que ao nascer, a criança interage com o meio a qual está inserida, o que possibilita múltiplas experiências de conhecimento e de aprendizagem. Antes mesmo de falar, a criança associa as palavras às coisas, aprende a mostrar com os olhos ou as mãos, isto é, consegue estabelecer uma relação real ou imaginária com tudo que está ao seu redor. Este é o processo natural do ser humano, correr, andar, pular, brincar, falar. E é na escola, lugar extensivo a casa, um dos espaços formativos para que haja a exploração dos sentidos remanescentes, isto é, o ambiente favorável à alfabetização. Infelizmente, nem sempre isso ocorre. Está completando dois anos que J.V. faz parte da minha caminhada educacional. É perceptível o avanço que teve desde quando adentrou a escola. Como não conhecia o espaço, era sempre conduzido por uma assistente para todos os recintos escolares: sala de aula, biblioteca, secretaria, área de lazer. Hoje, consegue locomover-se por quase todos esses ambientes. Já possui autonomia para alimentar-se; reconhece o outro pelo cheiro, voz ou tateando; gosta muito de ouvir músicas sempre num tom baixo e depois começa a cantar repetidas vezes o mesmo ritmo. As aulas são preparadas especialmente para ele, tudo através da concretude, manipulação: áspero/liso, largo/estreito, alto/baixo, contagem, musicalização, alfabeto móvel, reconhecimento dos espaços. Em suma, foi um trabalho árduo, mas gratificante. De superação! Apesar da professora exercer muito bem o magistério há quase 3 décadas, foi a primeira vez que teve uma experiência com a inclusão. Medo, receio, tudo isso perpassou por ela antes de aceitar tal desafio. Entretanto, o resultado desse processo está sendo vitorioso, pois a busca pelo novo reacende a paixão de fazer uma educação de qualidade, o trabalho em equipe transforma vidas e faz toda a diferença.

Palavras - chave: inclusão; escola; autonomia; superação.

¹ Professora Substituta da UNEB. Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Teixeira de Freitas – BA. Especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Matemática e Física. Pós – graduada em Gestão Educacional. Pedagoga e Educadora Matemática. Endereço eletrônico: karinepeople@hotmail.com